

**Instituto Sedes Sapientiae**  
**Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana**  
**1º Ano**  
**Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas**  
**3º Ano**  
**Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana**  
**6º Ano**

**Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington**

Reflexões sobre a Aula 15 – 25.06.2015

**Assunto principal:** A função estruturante incestuosa, normal e defensiva.

**Texto de referência:** Psicologia Simbólica Junguiana: Capítulo X, pp. 201-225.

Boa noite a todos. Hoje estudaremos **a função estruturante do incesto normal e defensivo**, tendo como referência o filme *Lolita*, de Stanley Kubrick, que foi baseado no famoso romance de Vladimir Nabokov. Os artistas são: James Mason, Peter Sellers, Shelley Winters e Sue Lyon.

Continuaremos, assim, o estudo do quatérnio primário aqui considerado a grande função estruturante da infância e da adolescência e que engloba o normal e quando fixado, a patologia e a Sombra. Como já mencionei, o quatérnio primário foi redutiva e indevidamente patologizado pela Psicanálise ao ser reduzido ao perverso polimorfo e ao Complexo de Édipo

Dentro da Psicologia Simbólica Junguiana, a elaboração do quatérnio primário produz uma infinidade de significados, através da elaboração de símbolos e funções estruturantes, que vão formar a identidade do Ego e do Outro. Dentre essas funções encontra-se **a função estruturante do incesto**. Como todas as demais funções estruturantes, o incesto pode ser **normal** ou, quando fixado, **defensivo**, ou seja, patológico.

**A função estruturante do incesto é normal quando expressa, na imaginação infantil, o amor idealizado pela figura parental do sexo oposto.** Isto corresponde na Mitologia aos casamentos incestuosos entre deusas e deuses e sua procriação. Essa criatividade é normal e muito estruturante no quatérnio primário.

Lévi-Strauss, possivelmente o maior antropólogo do século vinte, afirma em sua *Antropologia Estrutural* que “o tabu de incesto é o pilar da estruturação da família e, por conseguinte, da organização da sociedade e da cultura”.

Num primeiro momento, poderíamos achar que a função estruturante do incesto é sempre patológica, como no Complexo de Édipo, mas, com isso perderíamos toda a criatividade do incesto presente nas diversas mitologias e nas fantasias infantis.

Elaborando essa questão, chega-se à conclusão que as fantasias incestuosas das crianças são normais, e o que as torna anormais são suas fixações e atuações defensivas existenciais, **sobretudo quando atuadas literalmente ou complementadas por adultos.**

O universo da segunda (0-2 anos) e terceira (12-20 anos) etapas arquetípicas da vida é permeado por uma intensa exuberância insular matriarcal, que, devido à extraordinária intimidade entre o Ego e o Outro, é permeado de fantasia em meio à realidade. Não é por acaso que considero a dimensão matriarcal o universo da fantasia, do mito, do sonho e de muitos sintomas formados por um simbolismo arcaico, que, frequentemente, se expressa pela dimensão corporal, pois como sabemos, o simbolismo do corpo representa o que há de mais arcaico na psique. Dessa maneira, o mundo infantil é permeado pela fantasia e não tem nem a percepção, nem a responsabilidade do ato inserido no contexto social adulto. Tanto isso é verdade, que, **frequentemente, a criança abusada sexualmente**, sente prazer pela satisfação da sensualidade, pela excitação de zonas erógenas e só vai sentir culpa mais tarde, com o desenvolvimento da integração da posição polarizada patriarcal e a percepção da violação da proibição incestuosa. Por isso, a criança é considerada inocente e é inimputável juridicamente. No entanto, com o desenvolvimento da categoria ética certo-errado, coordenada pela posição polarizada patriarcal, tudo começa a mudar. A partir daí, a criança geralmente se sente criminosa e até monstruosa, em função da fixação da ferida edipiana, que marcará sua Sombra e, frequentemente, deformará sua vida.

A fixação da função incestuosa tornada defensiva é claramente visível na personalidade do adulto que abusa da criança na pedofilia, por exemplo, porque nesse caso, a atuação existencial complementa a fantasia da criança e a insere no contexto social adulto. **O adulto conhece perfeitamente o tabu do incesto e, ao transgredi-lo, atua a defesa perversa e psicopática, caracterizadas pela intenção dolosa.**

Para se compreender melhor a diferença entre a função estruturante incestuosa normal e a patológica, é importante relacioná-la com a função estruturante dos Arquétipos da Alteridade, da Anima e do Animus. Devido à sua grande criatividade, é comum esses

arquétipos se expressarem por símbolos infantis, adolescentes e até mesmo por animais, que representam símbolos arcaicos e muito criativos da psique.

E traziam-lhe crianças para que lhes tocasse, mas os discípulos repreendiam aos que lhos traziam.

Jesus, porém, vendo isto, indignou-se, e disse-lhes: Deixai vir as crianças a mim, e não os impeçais; porque delas é o reino de Deus.

Em verdade vos digo que qualquer que não receber o reino de Deus como criança, de maneira nenhuma entrará nele. (Marcos 10:13-15).

Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é porventura o maior no reino dos céus?

E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo, que se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. (Mateus 18:1-3).

Jung nos relata um sonho que foi muito importante no seu processo de individuação porque foi decisivo no desenvolvimento do seu caso de amor com Toni Wolff (Maria Helena Guerra, 2011). Neste sonho, uma menina de cerca de oito anos é considerada por ele um símbolo de sua Anima:

Em 1912, na véspera do Natal, tive um sonho. Encontrava-me numa esplêndida *loggia* italiana, com colunas, piso e balaustrada de mármore. Estava sentado numa cadeira dourada de estilo Renascença, diante de uma mesa de rara beleza, talhada em pedra verde, semelhante à esmeralda. Sentado, olhava a paisagem à distância, pois a *loggia* ficava situada no alto da torre de um castelo.

Meus filhos também estavam sentados à mesa. De repente um pássaro branco baixou; era uma gaivota pequena ou uma pomba. Pousou graciosamente na mesa, perto de nós; fiz um sinal às crianças que não se movessem a fim de não assustar o belo pássaro branco. No mesmo instante a pomba transformou-se numa menina de cerca de oito anos, de cabelos de um louro dourado. Ela saiu correndo com meus filhos e, juntos, começaram a brincar nas maravilhosas colonatas do castelo.

Eu continuava mergulhado em meus pensamentos, refletindo sobre o que acabara de acontecer. A menina voltou neste instante e cingiu-me afetuosamente o pescoço com um braço. De repente desapareceu e em seu lugar surgiu novamente a pomba falando com voz humana e lenta: "Só nas primeiras horas da noite posso transformar-me num ser humano, enquanto o pombo cuida dos doze mortos". Dizendo isto, levantou voo no espaço azul e eu despertei. (Jung, MSR, p. 152-153)

No entanto, é preciso considerar que **os Arquétipos da Alteridade, da Anima e do Animus são pós-matriarcais e pós-patriarcais**. Isto quer dizer que eles só podem ser integrados, sem produzir fixações, se forem elaborados **integrando a sensualidade matriarcal junto com a organização patriarcal simbolicamente**. Quando isso acontece, **vivemos a realidade simbólica, na qual podemos separar o subjetivo do objetivo e vivenciar a função incestuosa normal, subjetivamente na fantasia, e evitar o incesto patológico caracterizado pela atuação sensual concreta**.

No caso do filme Lolita, que analisaremos hoje, Humbert é um professor de literatura interpretado por James Mason. Ele aluga um quarto na casa da Sra. Haze, mãe de Lolita, para lecionar na universidade. Ao ver Lolita, pela primeira vez, sua Anima é intensamente constelada e ele fica fascinado pela jovem adolescente. Filha única, ela havia perdido o pai sete anos antes e sua relação com a mãe é muito difícil.

Lolita se acha em plena crise de adolescência, a quarta etapa arquetípica da vida, e a segunda metanóia, na qual a polarização com os pais é conduzida pelos arquétipos da Alteridade, da Anima, do Animus e do Herói para permitir que os jovens passem da integração matriarcal e patriarcal **na posição passiva**, na qual eles obedecem (3ª etapa), para exercer esses arquétipos **na posição ativa**, na qual eles começarão a exercer ativa e socialmente a sua individualidade.

Órfã de pai, Lolita polariza com as figuras de mãe e pai superpostas na mãe. Sua polarização, porém, se torna sombria e incestuosamente defensiva, quando ela começa a seduzir concretamente o diretor de teatro Clare Quilty, que flerta com sua mãe. A segunda vítima é o professor Humbert, por quem sua mãe se sente, desde o começo, muito atraída.

Sozinha, carente e incapaz de aguentar a polarização de Lolita, a Sra. Haze passa a atuar de maneira patriarcal defensiva com Lolita, reprimindo-a inadequadamente. A jovem, por sua vez, contra-ataca de maneira reativa e também defensiva patriarcal, ridicularizando-a com a saudação nazista e também matriarcal defensiva, usando seus dotes femininos para seduzir os pretendentes a uma possível função de padrasto.

Não sabemos da vida pessoal do professor Humbert, bonitão e cinquentão, mas logo se torna óbvio que ele é imaturo emocionalmente, com uma grave fixação matriarcal e patriarcal, quando logo à primeira vista, começa a atuar o ritual de sedução homem-mulher com uma jovem, órfã de pai, carente e em plena crise de adolescência. Como professor de literatura em universidade, quantas jovens adolescentes já não teriam se fascinado por ele? Ao deixar-se dominar pela função estruturante da sedução no relacionamento, ele mostra a gravidade de sua fixação e imaturidade, que se constela na sua Sombra e passa a possuir sua Anima.

Como parte de sua imaturidade é a onipotência, ele se expõe, ao registrar num diário, sua intimidade perversa, com fantasias sombrias sobre a jovem e sua mãe.

A função incestuosa defensiva expressa a Sombra dolosamente e isso caracteriza a defesa psicopática. Freud definiu-a como o reverso da medalha da neurose, pois esta reprime a sexualidade enquanto que a psicopatia a atua perversamente.

Ao partir para levar Lolita para o “exílio” num acampamento de verão, a Sra. Haze deixa uma carta na qual confessa seu amor pelo professor, dizendo que, se ele não corresponde a esse amor, ele deve mudar-se enquanto ela está fora; caso contrário, ele estará afirmando que também a ama.

O professor não só não vai embora, como se casa com a Sra. Haze no seu retorno. Continua chamando-a de vaca possessiva e nojenta no seu diário e passa a usar o casamento para se aproximar ainda mais de Lolita. A defesa incestuosa psicopática agora se torna francamente intensa e descarada, aproximando-se da personalidade psicopática.

O professor manda guloseimas para Lolita escondido de sua mãe. Lolita o denuncia indiretamente quando pede à mãe que agradeça a ele o agrado. A Sra. Haze o repreende e ele reage agressivamente, revelando o quanto se sente mal ao desempenhar o papel de marido dela. A seguir, fantasia um crime perfeito, no qual a mataria, mas logo constata que jamais o fará. A defesa psicopática mostra aqui o seu limite.

A Sra. Haze lê o diário de Humbert, sai desesperada de casa e morre atropelada, ao praticamente atirar-se na frente de um carro.

Lolita mostra todo o seu desamparo e pede a Humbert que jure jamais abandoná-la. Ele jura. Eles passam a conviver como amantes e vão morar na Universidade.

**O lado saudável de Lolita começa a se desenvolver no ambiente universitário favorável à adolescência.** Ela se matricula no curso de teatro e assim reencontra Clare Quilty, como diretor. Sua função estruturante incestuosa defensiva a leva a ter um caso com ele. Ao mesmo tempo, o professor Humbert começa a sofrer de intenso ciúme patológico, devido à vida adolescente de Lolita e passa a reprimi-la através de uma intensa defesa patriarcal que desestabiliza progressivamente a relação deles.

É muito importante perceber que enquanto a defesa incestuosa de Humbert se agrava ao unir-se ao ciúme patológico e à defesa repressiva patriarcal, a fixação incestuosa de Lolita começa a ceder, porque **ela está, agora, vivendo toda a rebelião normal de uma crise de adolescência com o padrasto, apoiada no romance com Clare Quilty.**

Finalmente, Lolita rompe com o professor e foge com Quilty indo viver numa comunidade “artística”. Ele se cansa dela e ela o abandona e encontra Richard, com quem se casa e está grávida de seis meses. Necessitando de apoio financeiro, ela entra em contato com Humbert, depois de três anos sem vê-lo.

Humbert vem à sua casa e encontra Lolita grávida de seis meses e passando roupa. Ela elaborou sua fixação incestuosa, na crise de adolescência com ele e Quilty, e

se tornou uma jovem mulher adulta pronta para cuidar de um casamento e de uma família.

Humbert, no entanto, nada elaborou. Dentro da compulsão de repetição incestuosa, ele volta a seduzi-la para fugir com ele. Ela identifica claramente o desequilíbrio dele e reage de forma equilibrada e adulta, negando seu assédio.

Ele insiste em saber a verdade e Lolita confessa que era Quilty o seu amante com quem fugira de Humbert. Revela também que Quilty foi o Dr. Zempf, que o visitou fingindo ser um orientador e pedindo maior liberdade para Lolita na universidade.

Humbert sente-se rejeitado, humilhado e furioso. Ao invés de deprimir, reconhecer sua Sombra e retomar sua vida de maneira mais madura, ele a projeta de forma paranoide em Quilty e decide matá-lo. Sua psicopatologia se agrava e agora só lhe resta o ódio e a vingança para expressar sua defesa psicopática de maneira homicida. Ele dá a Lolita o dinheiro do aluguel da casa de sua mãe e o recibo da hipoteca necessário para vender a casa.

Em seguida, Humbert deixa Lolita, busca Quilty e o mata.

Humbert morre na cadeia, de infarto, três anos depois, enquanto aguardava seu julgamento.

Ao estudar o incesto, vemos a importância do conceito do quatérnio primário para abranger o conceito do Complexo de Édipo da Psicanálise como um aspecto defensivo. É que, o quatérnio primário torna inseparável, durante toda a vida, a relação dos complexos parentais e do vínculo entre eles, com as reações da criança que formarão o seu Ego. Desta maneira, **ao invés da patologia do incesto recair basicamente sobre a criança, como ocorre com o Complexo de Édipo na psicanálise, ela recai principalmente sobre os complexos parentais, seu vínculo e as reações da criança, que incluem, além do pai e da mãe, qualquer figura masculina e feminina que desempenhe a função de cuidadora da criança.**

Até 1897, Freud acreditava na teoria da sedução, segundo a qual, as fixações incestuosas eram causadas pelo assédio às crianças por adultos, principalmente pelo pai. Assim, a histeria seria causada pelo assédio, geralmente forçado à criança passiva, e a neurose obsessiva, pelo assédio que incluiria a participação da criança. Em 1897, Freud abandonou a teoria da sedução, quando percebeu que muitos casos de incesto haviam sido fantasiados pelas crianças. (Peter Gay, 1988, ed. em português, 2008, pp. 100-102)

Essa mudança coincidiu com o aprofundamento da **autoanálise de Freud** no verão de 1897 e a dolorosa descoberta do seu Complexo de Édipo. Este processo foi considerado **o ato fundador da psicanálise** (Jones e Gay, idem).

No entanto, ao invés de considerar essa descoberta genial a prova da existência da sua neurose e a necessidade da sua elaboração e tratamento, **Freud racionalizou defensivamente sua descoberta e construiu a teoria de que todas as crianças são perverso-polimorfos, pois já nascem com o Complexo de Édipo.** Por isso, precisam ser submetidas à repressão e sublimação para formarem o superego e adquirirem a moral. “Eu tenho o Complexo de Édipo mas todas as crianças já nascem com ele” racionalizou defensivamente Freud.

A importância do conceito do quatérnio primário trazido pela Psicologia Simbólica Junguiana é que **ela desmonta a terrível redução das relações primárias pela Psicanálise ao Complexo de Édipo.** O Quatérnio Primário vai incluir as incontáveis reações normais dos pais, entre si, com a criança e desta com eles, dentro do Self familiar e do Self individual e dentre essas reações intensamente normais e estruturantes o Quatérnio Primário, **inclui o Complexo de Édipo como uma das suas variações patológicas.**

É essa diferença entre a função estruturante do quatérnio primário normal e sua Sombra formada pelo Complexo de Édipo e seus complexos parentais, que nos permite compreender o relacionamento incestuoso normal e patológico entre o professor Humbert, o diretor Quilty e Lolita.

Já vimos que os três se complementaram na defesa incestuosa patológica expressa na perversão e na psicopatia. O professor Humbert chegou mesmo a se casar com a Sra. Haze, mãe de Lolita, para poder conviver intimamente com a jovem. O diretor Quilty não se contentou em se tornar amante de sua aluna, cuja carência de pai e perda trágica da mãe, ele tão bem conhecia. Para se divertir, e conseguir a continuação da participação de Lolita na peça que ele dirigia na escola, ele se aproximou do Prof. Humbert disfarçado de inspetor da faculdade e o enredou sadicamente numa história, segundo a qual, se Humbert não deixasse Lolita se divertir e participar do teatro da escola, ele seria obrigado a permitir a vinda de um comitê de quatro membros de professores e psicólogos à casa do professor, para inquirir sobre o cerceamento com que ele estava tratando Lolita. Com isso, ele consegue que o professor deixe Lolita continuar participando dos ensaios, o que precipitará uma crise intensa entre ela e Humbert e a saída de ambos da escola.

O desenrolar do filme nos permite ver o desenvolvimento psicológico de Lolita em direção à cura da fixação da sua função estruturante incestuosa. Vemos que ela estava fixada pelo fato de se apegar defensivamente a figuras paternas como Quilty e Humbert, por sua carência de pai. Ao se aproximar deles, ela expressa essa carência paterna

defensivamente, pela relação incestuosa e, dessa maneira, por medo de perdê-los, não pode viver com eles sua crise de adolescência e permanece na fixação incestuosa. No entanto, ao ter assegurada a relação paterna com o Prof. Humbert, que se assume perante a escola como viúvo e padastro, Lolita vive outra relação incestuosa defensiva com Quilty. Assim, ela pode viver simultaneamente **a polarização normal de sua crise de adolescência, com Humbert**, indispensável para o seu amadurecimento que culminará na sua cura.

No entanto, incapaz de confrontar sua Sombra ferida por sua Anima fixada perversamente na função estruturante incestuosa defensiva, Humbert agrava sua psicopatia de maneira cada vez mais destrutiva. Tivesse ele vivido sua função estruturante incestuosa normal criativamente, Lolita teria se transformado numa figura de Anima, fonte de inspiração poética, que muito teria aprofundado sua criatividade literária e sua vida profissional como professor. Ao mesmo tempo, ele poderia ter desempenhado a figura paterna e mesmo sem ter se casado com sua mãe, poderia ter se tornado amigo da família e ajudado a educar Lolita em direção ao seu amadurecimento.

Para não atuar defensivamente a função estruturante do incesto na constelação da Anima, que frequentemente se dá com a figura da filha, da *puela*, é necessário à interação da organização patriarcal junto com a sensualidade matriarcal e o tabu de incesto.

É por isso que o grande período de diferenciação da Anima iniciado com o nascimento da literatura no Ocidente, no século XII, acompanhou as lendas de cavalaria, junto às quais os poetas cantores do amor cortez (Minne Singer, Minne Dienst ou servidores do amor), vivenciavam suas amadas frequentemente à distância, com um amor platônico, sem a união conjugal.

A terceira etapa arquetípica da vida (2-12 anos) **é a etapa mais perigosa da criança vivenciar o incesto defensivamente** por dois fatores. Primeiro porque, devido à diferenciação sexual, a criança começa a **fantasiar matriarcalmente** com uma grande parte inconsciente, uma atração pelo sexo oposto e uma competição com o mesmo sexo. Não devemos chamar este fato de edípico ou edipiano para não o confundirmos com sua fixação e transformação no Complexo de Édipo.

O segundo fator é que, devido à aquisição da identidade sexual, a criança passa a desempenhar um papel social masculino e feminino, mas ainda **com grande fragilidade e vulnerabilidade, e, por isso, se torna alvo da atração sexual incestuosa, normal e patológica dos adultos, sobretudo dos pedófilos.**

Assim, estes dois fatores estruturantes normais estão sujeitos à **fixações e à formação da vivência incestuosa defensiva, um deles proveniente principalmente da criança e outro, principalmente do adulto**. Frequentemente, os dois fatores estão presentes nas fixações incestuosas edípicas.

A quarta etapa arquetípica da vida (12-20 anos) é uma etapa que também apresenta o perigo da formação da defesa incestuosa defensiva, como foi o caso de Lolita, mas diferentemente da anterior. É que, nesta etapa, o/a adolescente já está plenamente sexualizado/a e agora os fatores da criança e do adulto são, por isso, bem diferentes. Da parte da criança, seu exercício da função estruturante incestuosa normal e da sedução, que agora pode lançar mão exuberantemente da função exibicionista, é muito mais ativa. Junto com isso, há que se considerar que a capacidade do/da adolescente reagir, pela força física, ao assédio sexual, é muito maior. Da parte do adulto, também é diferente porque ele/a tem um estímulo muito maior do/da adolescente para ser atraído sexualmente, como foi o caso do prof. Humbert e do diretor Quilty.

Para terminar este resumo, uma palavra sobre a iniciação sexual das crianças, que começa o ensinamento sobre como lidar com a integração do desenvolvimento da função estruturante sexual. Uma coisa é descobrir as etapas do **desenvolvimento sexual** através das zonas erógenas oral, anal, uretral, fálica e genital, como fez a Psicanálise. Outra coisa, bem diferente, é propor a elaboração simbólica da função estruturante sexual pela relação pais-criança, que eu chamo **iniciação sexual**, pois inclui a subjetividade e a objetividade.

Quando a criança inicia a terceira etapa da vida, aos dois anos de idade, ela dá um grande passo no desenvolvimento psicológico, pois, junto com o controle esfinteriano, a marcha corrida, e a fala, ela adquire a identidade sexual de si mesma e do sexo oposto.

O menino logo se orgulhará de ter pênis, pois nossa cultura de dominância patriarcal é falocêntrica e logo lhe cumulará de reforços positivos, principalmente quando ele mostrar sua **consciência de ter um pênis**.

Já a menina adquire sua identidade pela falta, isto é, por não ter pênis, pois seu clitóris não é sequer mencionado e é tratado como se não existisse. Como se isso não bastasse, a identidade da menina foi estigmatizada pela Psicanálise como tendo complexo de castração e inveja do pênis. Além disso, ao descobrir seu clitóris e ao começar a manipulá-lo em público, ao invés de ter o mesmo reforço positivo que o menino, ela recebe um repúdio geral. Para culminar essa rejeição à sexualidade feminina, a Psicanálise descreveu a **etapa da latência** da sexualidade, compatível com a repressão, mas não com o normal. O menino não tem conhecimento dessa formulação,

pois continua “bem obrigado” a manipular e exibir seu pênis e a compará-lo orgulhosamente com o dos colegas. A menina, no entanto, não pode constatar o erro dessa afirmação, porque não pode manipular seu clítoris estigmatizado, até mesmo com a inexistência de função. De fato, durante o meu curso médico, o clitóris foi considerado sempre uma atrofia do pênis sem função efetiva na sexualidade.

Outro fator muito importante para se compreender essa estigmatização da sexualidade feminina e a dificuldade de se favorecer a sua integração pela educação é a **instituição tradicional da prostituição** que permitiu a mulher vender a sua sexualidade para o homem, em troca da sua independência sexual e financeira acompanhadas de sua marginalização social. **A prostituição é, assim, um fantasma assustador da integração do desenvolvimento da sexualidade feminina na consciência coletiva do Self cultural.**

Para combater toda essa alienação cultural defensiva, e, ao mesmo tempo, empreender a educação normal e criativa da função sexual, a Psicologia Simbólica Junguiana propõe **o processo de iniciação sexual do menino e da menina** à partir do início da formação da sua identidade sexual, aos dois anos de idade (Byington, A Viagem do Ser...).

O fato de se evitar o nudismo familiar é de difícil compreensão pelas famílias que o praticam, porque não sabem da existência da função estruturante incestuosa normal, como ela se desenvolve e como ela pode sofrer fixações e se tornar defensiva junto com o exibicionismo e o voyeurismo defensivos. O outro fator de insistência que o adulto tem de abrir mão no nudismo familiar é formado pelas **gratificações sexuais inconfessáveis** que tem ao acompanhar o desenvolvimento das características sexuais secundárias dos filhos.

A negação da percepção sexual durante o nudismo familiar, sob a alegação de que se trata de um puritanismo ultrapassado, é uma negação defensiva perversa. É humanamente impossível para um homem ou uma mulher acompanharem o desenvolvimento sexual dos caracteres sexuais secundários de um menino ou de uma menina, sem terem qualquer reação sexual. E se não a percebem quando a tem é porque não querem tomar conhecimento de que a sexualidade está se desenvolvendo de forma pujante no Self familiar e, junto com ela, a função incestuosa estruturante normal. Da mesma forma, se a criança é exposta ao nudismo familiar, a função incestuosa normal fantasiosa estará muito próxima da sua vivência real e próxima à fixação e a formação da função incestuosa estruturante defensiva. Se uma família pratica o nudismo, como ela se comporta afetivamente? Quando estão nus cessa a relação afetiva ou continuam os

abraços e beijos mesmo sem roupa? Se for esse o caso, não será ele **um grande ritual perverso?**

Pelo fato da família nudista negar a sexualidade, não quer dizer que ela não exista, mas significa que ela se desenvolve na Sombra do Self familiar com as consequências as mais variadas. **Basta os analistas se darem conta que a etapa da latência não existe e comecem a prestar a atenção no desenvolvimento sexual infantil junto com as reações sexuais dos pais a ele, pra não só falarem de, mas perceberem realmente o que é o desenvolvimento sexual e como se formam suas fixações.**

Agora que descobrimos, a partir de meados do século 20, que o clitóris tem a mesma inervação que o pênis e a mesma participação na produção do orgasmo e que, por conseguinte, a relação sexual homem-mulher é realmente a dois, está na hora de examinarmos a dificuldade da mulher com a integração da sexualidade e do homem com o afeto, junto com a propensão dele à promiscuidade sexual. Para isso, é preciso compreendermos a complexidade da diferença entre a sexualidade na infância e na vida adulta, dentro dos padrões de consciência matriarcal, patriarcal e de alteridade, este coordenado pela Anima e pelo Animus.

Para terminar este breve resumo, que aborda apenas introdutoriamente a profundidade da dimensão sexual humana, incluindo a psicodinâmica do incesto normal e patológico, quero dizer uma palavra sobre a pseudo “libertação sexual” da nova geração. Ao praticarem a promiscuidade sexual de forma cada vez mais precoce, os adolescentes se iludem com o nível de maturidade da sexualidade que vivenciam. Os meninos aumentam a prática sexual precoce, além da prostituição tradicional, mas não aumentaram na mesma proporção, sua capacidade afetiva. Muitas meninas aumentaram extraordinariamente sua atuação sexual, mas não tem a menor percepção da forma defensiva como a estão vivendo, **seguindo regressivamente o modelo promíscuo defensivo masculino patriarcal tradicional e se afastando do tesouro afetivo emocional que possuem.** O pior é que se regozijam e “se acham”, pensando ilusoriamente que atingiram a maturidade.

Para a próxima aula, a última do semestre, peço que releiam na Psicologia Simbólica Junguiana o Arquétipo Matriarcal, no cap. 9. Estudaremos melhor a função afetiva masculina e a formação da defesa autista, com o filme *Precisamos falar sobre Kevin*.

Boa noite a todos e até quinta-feira,  
Byington